

CIÊNCIA E MAGIA NA IDADE MÉDIA: FUSÃO OU DICOTOMIA?

Mirtes Emília Pinheiroⁱ

RESUMO: Separar ou juntar ciência e magia na Idade Média não é uma tarefa fácil. Assim, partimos do pressuposto que a magia esteja conectada à realidade humana desde seus primórdios e sua utilidade visa uma conexão do homem com as forças da natureza, no intuito de utilizá-las ou manipulá-las em prol da realização de seus desejos e vontades. Quanto ao conceito de ciência, embora apresente uma gama variada de definições, optamos por considerá-la como conhecimentos humanos avaliados no seu todo, segundo a sua natureza e progresso.

Poder-se-ia dizer que a magia foi uma precursora da ciência empírica. Tanto os sacerdotes cristãos quanto os pagãos desejavam controlar as forças da natureza, no entanto, diante da impetuosidade dela, se conscientizavam de sua incapacidade de fazê-lo. Podia-se fazer oferenda aos deuses pagãos ou ao Deus uno dos cristãos, mas frente a uma situação calamitosa era difícil conter os fenômenos naturais, vistos em muitas ocasiões como castigos impostos aos homens. Em parte os rituais mágicos eram feitos para aliviar o sentimento de vulnerabilidade, quando ficavam à mercê das fatalidades que eventualmente os acometiam.

PALAVRAS-CHAVE: Ciência, Magia, Idade Média.

ABSTRACT: Separate or gather science and magic in the Middle Ages is not an easy task. Thus, we take the assumption that magic is connected to human reality since beginnings and its utilities aims a connection of men with nature forces, in order to use and manipulate them in favor of making their wishes and wills achievement. Concerning to sciences concept, though there is a large amount of definition, we opted to consider it as human knowledge evaluated on its all, according to its nature and progress.

It could be possible to say that magic was a pioneer on empirical science. Both Christian priests and pagans wished to control nature forces, although upon facing its impetuosity, they realized their incapacity on doing so. It was possible to make offerings to pagan Gods or to Christian one God, but in face to a calamitous situation it was difficult to withhold natural phenomenon taken as punishment to men. In part the magic rituals were done to easy the vulnerability feeling, when they stayed on mercy of eventual fatalities.

KEYWORDS: Science, Magic, Middle Ages.

Separar ou juntar ciência e magia na Idade Média não é uma tarefa fácil. Assim, partimos do pressuposto que a magia esteja conectada à realidade humana desde seus primórdios e sua utilidade visa uma conexão do homem com as forças da natureza, no intuito de utilizá-las ou manipulá-las em prol da realização de seus desejos e vontades. Quanto ao conceito de ciência, embora apresente uma gama

variada de definições, optamos por considerá-la como conhecimentos humanos avaliados no seu todo, segundo a sua natureza e progresso.

Inicialmente ciência e magia caminhavam juntas, sendo difícil separá-las em virtude do estreito vínculo existente entre elas. Poder-se-ia dizer que a magia foi uma precursora da ciência empírica, pois através de certos rituais místicos, ela se encarregava de apreender o que não podia ser alcançado de uma forma mais técnica e, de certa forma, inexplicável.

Esta forma mágica de comunicação com as forças do universo essencialmente era atributo dos povos pagãos, que cultuavam vários deuses, cada um com uma característica e um ritual próprio. A população camponesa se sujeitava a ação da magia, porque vivia num universo mais hermético, portanto subordinado às intempéries diárias, recorrendo aos rituais como uma forma de se conectar com o cosmos e alcançar as bênçãos necessárias para a continuidade de seus trabalhos e de sua vida.

A princípio, a Igreja aceitava e convivia em certa harmonia com as práticas pagãs, sobretudo em relação aos camponeses, porque desenraizar estes deuses que já faziam parte das suas vidas não era uma tarefa simples. No entanto, a partir do século IV esta situação começou a se alterar. Para Delumeau, os camponeses:

Estavam mergulhados em uma civilização mágica. Frequentemente, conheciam mal o cristianismo e o misturavam inconscientemente a práticas pagãs vindas do fundo das eras. Acreditavam no poder maléfico de alguns deles; não é muito duvidoso que um ou outra pudesse acreditar possuir esse poder excepcional e que procurasse servir-se dele por motivos de vingança.ⁱⁱ

Tanto os sacerdotes cristãos quanto os pagãos desejavam controlar as forças da natureza, no entanto, diante da impetuosidade dela, se conscientizavam de sua incapacidade de fazê-lo. Podia-se fazer oferenda aos deuses pagãos ou ao Deus uno dos cristãos, mas frente a uma situação calamitosa era difícil conter os fenômenos naturais, vistos em muitas ocasiões como castigos impostos aos homens em virtude de seu desrespeito ou descumprimento nos pactos feitos entre eles e as divindades.

Portanto, como o indivíduo não pode domar a natureza, ele necessita ao menos fazer as pazes com Deus ou os deuses, pedindo a clemência e a misericórdia deles.

Embora houvesse uma clara distinção social na sociedade medieval, quando o assunto era o desconhecido as pessoas partilhavam de um mesmo sentimento angustiante, uma vez que a incerteza e a insegurança traziam medos e receios, pois “a cólera divina pesa sobre o mundo e pode manifestar-se por este ou aquele flagelo. O que conta essencialmente é garantir a graça do céu”.ⁱⁱⁱ Assim, as calamidades, os flagelos, as tragédias serviam como um elo que os irmanavam, sobretudo quando a ira de Deus se manifestava, castigando-os através das manifestações da natureza.

Um tremor de terra, uma tempestade devastadora ou uma seca inclemente eram motivos para se afirmar que os céus estavam punindo os homens, já que os sinais podiam ser interpretados como um prenúncio de castigo e cobrança. Desta forma, “a predição feita por esses dois métodos, cristão e pagão, sempre supõe o medo de uma fatalidade desejada por Deus ou pelos deuses”. Nestes casos, a liberdade do homem é inexistente, pois cabe a ele “dominar as forças sagradas que detêm o segredo que lhe interessa pessoalmente”. Além disso, nesta civilização de tradição oral, o livro tornara-se um objeto sagrado e misterioso ao mesmo tempo, pois “os livros santos integram-se assim ao mundo do medo, e até os textos comuns assumem uma aparência de mensagem do além. Numa sociedade iletrada em sua maioria, a palavra escrita é ao mesmo tempo ‘mágica e divinatória.’”^{iv} Em parte os rituais mágicos eram feitos para aliviar o sentimento de vulnerabilidade, quando ficavam à mercê das fatalidades que eventualmente os acometiam.

Neste período, saber ler e escrever, sobretudo em latim, era privilégio de um público relativamente pequeno, concentrado em sua maior parte no alto clero. A participação dos fiéis nos cultos era restrita, devido à dificuldade de assimilação do idioma, ainda que o latim fosse a língua oficial das celebrações litúrgicas, produzindo a ideia de que o conhecimento tinha que se manter secreto. Para sanar este problema, as igrejas passaram a ser ilustradas com imagens, pois como bem lembra Zumthor, “Aos letrados a escritura, aos iletrados as imagens”.^v

O Deus cultuado pela Igreja na Idade Média era o descrito na Bíblia e a figura de Jesus Cristo, seu filho, passou a ser o modelo de conduta a ser seguido, copiado e, ao mesmo tempo, objeto de veneração, amor e imitação por parte dos fiéis.

Os teólogos cristãos enfatizavam as glórias e alegrias da vida eterna; desta forma, os atos praticados na terra seriam revertidos em crédito para o gozo na vida

celestial. Tal afirmativa estimulava a abdicação aos prazeres terrenos, inclusive a renúncia aos prazeres carnisais, valorizando, sobretudo, a abstinência sexual e o rigor moral como pré-requisitos para a purificação da alma, preparando-a para o momento sublime, em que haveria o encontro supremo com o Deus Pai, criador do universo.

Por isso, a melhor maneira de combater as forças inimigas que atacavam o espírito era se colocando contra a matéria. Esta postura “gerou atitudes restritivas e repressivas em relação à vida sexual, que a Igreja dos séculos VI - XI procurou controlar”. O prazer sexual deveria ser sempre evitado, visando-se apenas a procriação. Desta forma, coíbiam relações durante o período menstrual ou na gravidez, fazendo com que o casamento se tornasse “apenas uma concessão para aqueles que não conseguissem se controlar; o celibato continuava muito superior e preferível”.^{vi}

A oração era usada pelos fiéis para se comunicar com Deus, funcionando como uma ponte que permitiria o acesso à providência divina e aos céus. Para Veyne, “o grande argumento das preces era lembrar à divindade que ela realmente podia fazer, que não devia fazer menos por seu fiel do que havia feito por outros, que devia alegrar-se com sua reputação de poderosa e não dar margem a dúvidas quanto a esse poder”.^{vii}

São várias as formas de orar. As orações mais praticadas pelos fiéis eram as que solicitavam a intervenção divina, sobretudo em assuntos relacionados ao cotidiano. Nestes momentos invocava-se não só Deus Pai, mas também os anjos e santos. Estas orações pediam orientações em relação ao caminho mais seguro, que conduziria à salvação e auxílio nas dificuldades pelas quais eles passavam ou poderiam vir a passar. A intercessão divina era solicitada sempre que ele, o devoto, encontrava-se em situação difícil, sendo o Pai Nosso e a Ave Maria as orações mais usuais. Desta forma, a Igreja Medieval contribui para distinguir um encantamento de uma prece.

Ainda que as preces parecessem repetições desconexas e sem sentido, elas recebiam o aval da Igreja, sendo o seu uso permitido, incentivado e realizado nas diversas situações em que era necessário fazê-las, oferecendo a vantagem de serem fórmulas prontas e, caso o devoto estivesse em dúvida quanto à maneira de se dirigir à divindade, mostravam-se mais práticas, não apresentando o perigo de

errar e desagradar. Esperava-se que a oração fosse à ponte que ligasse céus e terra, se manifestando através de uma graça, uma benção.

De acordo com o pensamento medieval, a adivinhação e a magia são duas práticas ligadas a crenças e cultos diabólicos. Suas múltiplas finalidades vão desde atrair um amor, curar uma dor, causarem prejuízos nas plantações ou até mesmo controlar e manipular as forças da natureza. A Igreja se manifestava contrária a esses costumes, superstições e simpatias. Nesse momento, “não há dúvida de que a crença em feitiços se desenvolveu em grande parte devido às insuficiências da medicina”.^{viii}

As doenças apresentavam uma determinada importância nas diversas dimensões de uma sociedade e muitas delas que afetavam as populações, sobretudo as do período medieval, eram consideradas como infortúnios ou castigos, espécie de punição divina. As enfermidades seriam o resultado de transgressões das regras que regiam o comportamento moral das pessoas. Os estudos confirmam que:

As causas das doenças são sobrenaturais, vingativas ou punitivas. A violação dos tabus, por exemplo, pode provocar como castigo uma alteração na saúde do culpado. Ou então, é a maldição que se abate, lançada por um ancestral morto ou por um vivo rancoroso. A alma do doente pode ter sido roubada e, nesse caso, a cura só pode ser efetivada quando essa alma for restituída. Ou então, o espírito maligno introduziu-se no corpo atormentado, e este é às vezes até totalmente possuído. A não ser que o mal tenha penetrado nesse corpo sob a forma de um objeto que será preciso, é claro, extirpar.^{ix}

Embora algumas pessoas vissem as doenças sob um prisma sobrenatural, outras tendiam a reconhecer as causas naturais para explicar-lhes o surgimento e estas explicações para o aparecimento de certas patologias relacionam-se inevitavelmente com uma variedade de técnicas de tratamento de cura que existiam mesmo nas sociedades menos complexas, pois, cada uma apresentava uma resposta de acordo com a compreensão da doença em si mesma e com os fatores culturais imbricados nela. “A doença e, sobretudo, a loucura eram combatidas por meio de exorcismos, acompanhados por sinais da cruz, destinados a expulsar o demônio, a origem de todo o mal físico ou moral”.^x

Nesta sociedade, o doente era considerado ao mesmo tempo um rejeitado e um eleito, uma vez que a doença era vista como um castigo por uma má conduta do

devoto, mas a cura era tida como um benefício concedido pelos céus, pois Cristo era o médico do corpo e da alma, que através de suas curas conduzia o homem à salvação, além de ser o “medicamento, pois ele também foi utilizado para curar as feridas de nossos pecados”. Indicando “ao doente o valor do sofrimento e da paciência silenciosa enquanto medicamento do espírito; e ele nos ensina a paciência da caridade, confiando-nos também, através de sua ressurreição, a garantia do resgate da carne”.^{xi}

O corpo é glorificado no cristianismo medieval, pois o acontecimento capital da história - a encarnação de Jesus - foi o resgate da humanidade pelo gesto salvador do filho de Deus. “E Jesus encarnou e se fez homem e revestido de humanidade venceu o maior desafio de todos e ressurgiu dos mortos: a ressurreição de Cristo funda o dogma cristão da ressurreição dos corpos, crença desconhecida no mundo das religiões”.^{xii}

Dentre todas as doenças e flagelos de saúde pelo qual passou a população medieval, a peste negra foi uma das maiores deste período, tornando-se o agente delimitador que decretava a falência da medicina escolástica, que se via impotente com a impossibilidade de refrear a calamidade pela qual passavam os habitantes das vilas e dos campos, pois a doença não fazia acepção de pessoas, vitimando tanto nobres, quanto clérigos e camponeses. “Mergulhando assim a profissão de médico em uma crise profunda: a corporação entra em competição, naquele momento, com a dos cirurgiões e a dos barbeiros, que viviam até então em uma relativa complementaridade”.^{xiii} Em relação a doenças e seus tratamentos, Le Goff traz à tona o pensamento do historiador Mirki D. Grmek, descrevendo a este respeito que:

“Para os médicos da Antiguidade”, todas as doenças eram somáticas. As doenças da alma não passavam, para eles, de invenção dos moralistas. O resultado dessa tomada de posição era a divisão do campo das doenças psíquicas entre os médicos e os filósofos. Mas para o homem da Idade Média, tanto nas civilizações cristãs quanto no mundo islâmico, não era possível separar os acontecimentos corporais de sua significação espiritual. Concebia-se a relação entre a alma e o corpo de uma maneira tão estreita e imbricada que a doença era necessariamente uma entidade psicossomática. Por essa razão, a maior parte dos milagres atribuídos aos santos são milagres de cura.^{xiv}

Usualmente é atribuído ao médico grego Hipócrates (cerca de 460-377 A.C.) a teoria de que o corpo humano contém sangue, fleuma, bile amarela e bile escura e os médicos medievais acreditavam que boa parte das doenças originava-se no excesso de fluidos chamados de humores. Assim, a cura consistia em retirar ou remover estes excessos, drenando grandes quantidades de sangue do paciente através da sangria. Para realizá-la eram usados dois métodos: a flebotomia (corte de uma veia) e a aplicação de sanguessugas diretamente na pele do paciente.

De acordo com o diagnóstico feito pelos médicos deste período, a saúde podia ser considerada perfeita quando os humores estavam em justa proporção. O que causava a doença era a supremacia de um sobre o outro, acarretando o desequilíbrio da parte afetada, provocando sofrimento e dor. Para diagnosticar a doença, além da antiga prática de tomada de pulso e da língua, surgia a uroscopia ou exame de urina. “Esse método necessitava de um recipiente de vidro (matula), que se tornou a insígnia corporativa dos médicos, que tenderam a reduzir a semiologia médica à uroscopia.”^{xv} Não que este método fosse ineficaz, mas ele deveria ser usado concomitantemente aos outros métodos de análise da saúde do paciente para fazer um diagnóstico mais preciso.

Aliado às práticas inovadoras de cura, o uso de plantas consideradas mágicas continuava sendo recorrente. Era o caso, por exemplo, do poder atribuído à mandrágora (*Mandrágora officinarum L.*). “Sua raiz de aspecto antropomórfico, teria sido inicialmente fabricada com a mesma terra com que Deus modelara o corpo de Adão, o que teria dado lugar à supremacia dela sobre os outros vegetais.” Às raízes era atribuída uma importância grande no que dizia respeito ao seu poder curativo, pois “aos olhos dos antigos este órgão participava do elemento terroso e estava em situação intermediária entre os elementos, como entre o vivo e o morto, o que lhe conferia um estatuto e poderes particulares”.^{xvi}

Embora limitados pelas condições físicas e até mesmo científicas em que viviam, ao contrário do que normalmente se pensa; “os médicos medievais não se desinteressaram da experiência, desde que esta estivesse, entretanto, sustentada pela razão”. Segundo Jacquart, muitos remédios atribuídos a Galeno escondiam investigações propriamente medievais. “Galeno é uma máscara. Pois sob a pressão ideológica da Igreja, a Idade Média é uma crítica teórica da novidade. E as descobertas médicas se escondem detrás do biombo dos antigos”.^{xvii} Para reforçar

esta ideia Le Goff apresenta ainda a opinião de outro intelectual inglês, Adelardo de Bath que no século XII escreveu externando sua opinião a respeito da incipiente medicina medieval. Segundo ele:

“Nossa geração tem essa falha enraizada, que é a de recusar tudo aquilo que pareça vir dos modernos. Da mesma forma, se me ocorre uma ideia pessoal, se quero torná-la pública, eu a atribuo a algum outro ou declaro que ‘foi um outro que disse, e não eu’ e, para que acreditem inteiramente em mim, digo a respeito de todas as minhas opiniões, que são de ‘um outro inventor, e não minhas’. Para evitar o inconveniente de se pensar que eu, ignorante que sou, extrai de mim mesmo as minhas ideias, faço crer que as tirei de meus estudos árabes. Assim, não é a minha demanda que pleiteio, mas a dos árabes. Quando um médico medieval aplica um método que lhe parece novo, ele declara, portanto, que o leu em Galeno.”^{xviii}

Devido às precárias condições de saúde e higiene que permeavam o universo medieval, geralmente as cirurgias eram realizadas em última instância, como nos casos em que havia um perigo iminente da perda da vida.

A princípio pode-se pensar que a medicina medieval valorizava o sofrimento físico. Porém, há indícios de que os médicos tentavam descobrir meios e formas de atenuá-lo, como é descrito pela tentativa de se criar uma anestesia cirúrgica, uma “esponja sonífera embebida em suco de meimendo, de ópio e de cânhamo da Índia”, mas ao que tudo indica estas técnicas não funcionaram muito bem, sendo preciso aguardar o século XIX para obter uma anestesia geral, pois a medicina medieval era antes de tudo uma medicina da alma, que passava pelo corpo sem, no entanto, reduzir-se a ele.

Tachada de impotente sem a ajuda divina, a medicina que hoje chamamos científica era minoritária (...). A arte médica irá extrair daí, porém, uma popularização de seus métodos e uma exaltação de sua imagem. Pensando medicamente o mundo, os padres da Igreja conferiram-lhe, enquanto essa arte era ridicularizada ou vilipendiada, uma amplitude e uma dignidade sem precedentes.^{xix}

Na falta de tratamentos e de profissionais adequados, Deus, os santos, os bispos e os clérigos eram considerados como médicos na Idade Média; “na ordem dos valores e das divisões do mundo, os únicos arcediagos eram, a partir de então, os santos, vivos ou de cura (...)”. A medicina foi, portanto, absorvida pela medicina espiritual, “medicina das almas, ela tomava para si, ao mesmo tempo, o corpo do doente”.^{xx}

Embora embrionária, a medicina na Idade Média desenvolveu importantes inovações técnicas, sobretudo no que diz respeito às cirurgias. “Trepanação, redução das fraturas, operações de fístula anal, ligadura das hemorroidas, hemóstase por cauterização, extração de corpos estranhos metálicos com a ajuda de um imã, sutura das feridas do peito”. De forma idêntica “a farmacologia medieval enriqueceu-se consideravelmente, em particular com o álcool e o mercúrio, pois o álcool é uma descoberta da Idade Média”, e a destilação do vinho “(...) faz-se a princípio nos conventos para fabricar medicamentos. A primeira fase da história do álcool é assim uma fase medicamentosa”.^{xxi}

Para quem sofria de algum mal, a cura de sua enfermidade era o que lhe bastava no momento em que ele buscava o alívio de suas dores, preocupando-o menos se tal fato se desse pela ciência ou pela magia, ou se houvesse uma mediação entre as duas, pois no sofrimento, só a cura interessa.

O que não era explicável indubitavelmente era elevado ao posto de milagre ou de uma ação mágica. O milagre rondava a vida cotidiana do homem medieval, desempenhando um importante papel na vida espiritual deste tempo, constituindo um dos mais importantes meios de comunicação entre este mundo e o além.

A ideia de que Deus continuava a revelar-se aos homens através de prodígios encontrava-se presente em todos os espíritos. Por isso os cristãos da Idade Média viviam permanentemente em busca de milagres e dispostos a identificá-los em qualquer fenômeno extraordinário. Aqueles que os realizavam eram considerados santos.^{xxii}

Entretanto, os fiéis esperavam de Deus ou dos santos os milagres de cura, “devolver a paz de espírito aos possessos, fazer caminhar os coxos, fazer ver os cegos eram então os principais critérios de santidade. O mal físico, tal como o pecado, é obra do Diabo, a cura miraculosa só pode vir de Deus,”^{xxiii} que ao atender o doente demonstra-se estar favoravelmente ao seu lado, permitindo seu restabelecimento. Quando se dá o milagre o doente aumenta a sua devoção, principalmente se a cura tiver sido promovida graças à intercessão de um santo.

Desta forma, ciência e magia se ligam e interligam, povoando o imaginário medieval, pois determinar de forma precisa onde começa uma ou outra é quase impossível, num universo em que medicina, magia, misticismo e crença nos

médicos, divindades ou curandeiros se misturavam constantemente no cotidiano dos homens e mulheres do medievo.

REFERÊNCIAS

- ARIES, Philippe; DUBY, Georges. ***História da vida privada*** / [coleção dirigida por] Philippe Aires e Georges Duby. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009. 5 v.
- DALL'AVA-SANTUCCI, Josette. ***Mulheres e médicas: as pioneiras da medicina***. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- DELUMEAU, Jean. ***História do medo no Ocidente***, 1300-1800: uma cidade sitiada. 1a reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DUBY, Georges. ***Ano 1000 ano 2000 – na pista de nossos medos***. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.
- FRANCO JUNIOR, Hilário. ***A Idade Média e o nascimento do Ocidente***. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- LE GOFF, Jacques. ***As doenças têm histórias***. Lisboa: Ed. Terramar, 1997.
- LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. ***Uma história do corpo na Idade Média***. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- SALLMANN, Jean-Michel. ***As bruxas noivas de Satã***. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- VAUCHEZ, Andre. ***A espiritualidade da Idade Média ocidental: séc. VIII-XIII***. Lisboa: Estampa, 1995.
- VEYNE, Paul; NASCIMENTO, Milton Meira do; NASCIMENTO, Maria das Graças de Souza. ***A elegia erótica romana: (o amor, a poesia e o Ocidente)***. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ZUMTHOR, Paul; PINHEIRO, Amalio; FERREIRA, Jerusa Pires. ***A letra e a voz: a "literatura" medieval***. São Paulo: 1993.

NOTAS

ⁱ Doutoranda em Estudos Clássicos e Medievais na Universidade Federal de Minas Gerais sob orientação da Professora Doutora Viviane Cunha. Bolsista da CAPES/CNPq.

ⁱⁱ DELUMEAU, Jean. ***História do medo no Ocidente***, 1300-1800: uma cidade sitiada. 1a reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 379-380.

- ⁱⁱⁱ DUBY, Georges. *Ano 1000 ano 2000 – na pista de nossos medos*. São Paulo: Ed. Unesp, 1998, p.15
- ^{iv} ARIES, Philippe; DUBY, Georges. *História da vida privada* / [coleção dirigida por] Philippe Aires e Georges Duby. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009, 5 v., p. 505.
- ^v ZUMTHOR, Paul; PINHEIRO, Amalio; FERREIRA, Jerusa Pires. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. São Paulo: 1993, p. 124.
- ^{vi} FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Idade Média e o nascimento do Ocidente*. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 162.
- ^{vii} VEYNE, Paul; NASCIMENTO, Milton Meira do; NASCIMENTO, Maria das Graças de Souza. *A elegia erótica romana: (o amor, a poesia e o Ocidente)*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 46.
- ^{viii} SALLMANN, Jean-Michel. *As bruxas noivas de Satã*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002, p. 41.
- ^{ix} DALL'AVA-SANTUCCI, Josette. *Mulheres e médicas: as pioneiras da medicina*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005, p. 23.
- ^x VAUCHEZ, Andre. *A espiritualidade da Idade Média ocidental: séc. VIII-XIII*. Lisboa: Estampa, 1995, p. 32.
- ^{xi} LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. *Uma história do corpo na Idade Média*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 109.
- ^{xii} Obra citada. LE GOFF, 2006, p. 12.
- ^{xiii} Obra citada. LE GOFF, 2006, p. 106.
- ^{xiv} Obra citada. LE GOFF, 2006, p. 108.
- ^{xv} Obra citada. LE GOFF, 2006, p. 113.
- ^{xvi} LE GOFF, Jacques. *As doenças têm histórias*. Lisboa. Ed. Terramar, 1997, p. 345.
- ^{xvii} Obra citada. LE GOFF, 2006, p. 114.
- ^{xviii} Obra citada. LE GOFF, 2006, p. 114/5.
- ^{xix} Obra citada. LE GOFF, 2006, p. 116/7.
- ^{xx} Obra citada. LE GOFF, 2006, p.117.
- ^{xxi} Obra citada. LE GOFF, 2006, p.118.
- ^{xxii} Obra citada. VAUCHEZ, 1995, p. 180.
- ^{xxiii} Obra citada. VAUCHEZ, 1995, p. 181.